

Numa altura em que está definitivamente relançado o debate sobre os anos 60 do século XX, um livro que amanhã será colocado à venda vem atirar mais achas para a fogueira. Intitula-se *Anos Inquietos — Vozes do Movimento Estudantil em Coimbra (1961-1974)* e as sete entrevistas que constituem o seu prato-forte são um retrato de uma geração. Tanto mais que os entrevistados não se limitam a falar das lutas que protagonizaram durante mais de uma década, antes se pronunciam sobre toda uma vida, a de hoje incluída. Mesmo se algumas vozes ficaram de fora

# A GRANDEZA DE UM MOVIMENTO CONTRADITÓRIO

POR JOÃO MESQUITA

“O movimento era contraditório e talvez daí a sua grandeza”. A frase é do pediatra Luís Januário, um dos sete antigos activistas associativos entrevistados para o livro *Anos Inquietos — Vozes do Movimento Estudantil em Coimbra (1961-1974)*, que amanhã é posto à venda. Mas talvez ela constitua o tronco comum ao pensamento dos sete — que está muito longe de ser único — sobre as lutas que protagonizaram nos anos 60 do século XX e, nomeadamente, sobre aquela a que se reporta directamente a tese de Januário: a chamada crise académica de 1969.

“Os anos sessenta não foram maravilhosos nem terríveis, foram um tempo de permanente construção” — sustenta, logo no primeiro prefácio da obra editada pela Afrontamento e a que o PÚBLICO já teve acesso, um dos autores, o historiador Rui Bebiano. As entrevistas “de vida” que se seguem, da responsabilidade da investigadora Manuela Cruzeiro e realizadas no âmbito de um projecto multidisciplinar sobre “culturas juvenis e participação cívica”, levado a cabo pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, dão força à ideia.

De facto, se há algo que os entrevistados afirmam recusar, é qualquer visão nostálgica dos movimentos em que participaram. A geógrafa Fátima Saraiva, que integrou a estrutura a quem é atribuída a articulação da luta de 69 — o “Conge” —, é talvez a mais expressiva: “Sinceramente, entusiasma-me muito mais planear o futuro do que recordar o passado”. Mas a nota é dada logo pelo primeiro antigo activista a ser ouvido, Eliana Gersão. Garante a jurista, que em 60-61 já intervém associativamente: “Não sou uma nostálgica dos anos 60, nem acho que esses anos tenham sido os melhores das nossas vidas”.

Há, mesmo, quem ache que “hoje está muito mitificada a crise de 69”. É o caso de Luís Januário, membro da primeira direcção eleita após o encerramento da Associação Académica pelo governo de Marcello Caeta-

FOTOS: SEC. FOT AAGCOL, ALEXANDRE RAMIRES



As chamadas sessões de animação cultural são uma imagem de marca da luta estudantil

no. “Quando a repressão fechava a Associação, acabava a luta estudantil”, sustenta o pediatra. E há, até, quem defina o movimento como “uma bolha”, criticando-lhe algum “folclorismo” e apontando o dedo a quem defenderia “que a luta de classes estava ultrapassada e que a nova luta era a do ‘estudantariado’”. É o que acontece com outro médico, activista logo na crise de 62, Fernando Martinho.

Acontece que, paralelamente, nenhum dos entrevistados põe em causa os fundamentos do movimento. O próprio Fernando Martinho, actual deputado municipal pela CDU em Coimbra, garante que não só não “desvaloriza a crise e o seu aspecto romântico”, como reconhece que ela “foi bonita e muito importante historicamente”. Luís Januário, que hoje se situa na chamada esquerda não-alinhada, vai mais longe: “O movimento era incrivelmente festivo, no bom sentido”, exclama, an-

tes de admitir que algumas críticas por si formuladas, no passado, à condução das lutas, ignorassem afinal a necessidade de preservar o “carácter de massas” destas e a “unidade global” dos estudantes.

## O papel do PCP

Os autores do livro assumem ter deixado de fora a opinião da ultra-minoritária direita estudantil da época, bem como dos “católicos progressistas” e da “esquerda radical”, cuja influência maior no movimento situam já na década de 70. Prometem-na para um “segundo volume”, a editar dentro “de um ano, ano e meio”. O que fica permite, no entanto, perceber como eram heterogéneas as próprias correntes dominantes. Heterogeneidade que não é alheia às diferentes avaliações ainda hoje feitas e que passam muito pela relação com o PCP.

Eliana Gersão confessa: “Nós não sabíamos quem eram os comunistas. Eu até namorei com o António Barreto e não sabia que ele era comunista”. Mas havia quem soubesse. Fátima Saraiva, que entrou para a Universidade quatro anos depois de Eliana, conta como, para parte considerável da sua geração, o PCP era, pura e simplesmente, “o partido”. E tanto ela como a generalidade dos entrevistados — entre os quais se conta Carlos Baptista, membro do Conselho Fiscal da Associação em 69 e militante comunista desde 65 — sublinham a grande influência do PCP até à maior revolta estudantil ocorrida em Portugal.

Em Coimbra, é precisamente a partir de 1969 que essa influência começa a diminuir. “A invasão da Checoslováquia criou muitos problemas de consciência”, assume Baptista. E, tanto ele como Fernando Martinho,

que já vivera os movimentos de 62 e de 65, reconhecem o surgimento de “muito mais gente com outras concepções políticas”. Entra ela, os chamados “contestas”, onde pontificam trotsquistas como Francisco Sardo. Os mesmos que então atraem Luís Januário: “(Era) a questão da revolta incluir uma componente pessoal, que envolvesse a nossa forma de viver o dia-a-dia, o relacionamento com as mulheres, as aulas...”.

Pio de Abreu, igualmente médico, destaca outros sectores: “Existia já muita gente a falar da revolução chinesa e, sobretudo, a criticar o marxismo-leninismo — e, mais ainda, o estalinismo —, sem voltar propriamente às ideias de Trotsky”. Certo é que também ele, como Fátima Saraiva e Carlos Baptista, “alinhado” com a direcção presidida por Alberto Martins, fala do surgimento de “novas ideias” — “mais do que a ligação de um líder às

massas, era precisa a ligação às pessoas”. E não poupa na crítica à posição oficial do PCP, de que Barros Moura era, então, o principal rosto: “O PC achava que só os operários podiam fazer a revolução. Os estudantes tinham o papel de chamar a atenção, de fazer pressão”.

Acontece que o próprio partido se apresenta dividido, quando eclode a crise de 69. Não por acaso, militantes como Carlos Baptista, Osvaldo Castro e Fernanda Bernarda integram a lista que ganha as eleições, proposta pelo Conselho de Repúblicas. Baptista adianta uma explicação: “Embora o Barros Moura sempre defendesse o trabalho unitário e se insurgisse contra comportamentos facciosos, o grupo identificado com ele não funcionava assim”.

## “Nem reféns, nem covetores da memória”

Nem isto, nem a revelação de outras contradições em matérias como a sexualidade ou o medo, obsta, porém, a que da obra ressaltem sempre mais os inúmeros pontos comuns aos entrevistados: a aversão à ditadura derrubada em 74 e a facetas como o colonialismo e o sexismo; a apetência pelas práticas culturais e pelas tertúlias; a recusa do “praxismo”; a valorização do trabalho colectivo; a desconfiança face ao poder. Talvez porque, apesar das diferenças, todos se afirmem “de esquerda”. Ou simplesmente porque, como escreve Manuela Cruzeiro no seu prefácio: “Nem reféns da memória, nem seus covetores. Todos os entrevistados são pessoas que gostam do seu passado”.

Em nenhum deles se nota, de facto, o mínimo sinal de arrependimento. Pelo contrário. É ver o gozo com que José Cavalheiro, que só esteve em Coimbra em 68-69, conta como escreveu na cela da primeira cadeia onde foi encarcerado: “Senhores da alta finança, o pôr-do-sol será sangrento!”. Ou o modo como Luís Januário se analisa: “No meio da cegueira da ideologia, creio que tive sempre um rabo de olho para a coragem, a inteligência, a beleza. Mesmo que viessem dos meus opositores ou inimigos”.

# Os entrevistados

**Eliana Gersão** — Nasceu em Coimbra, em 1941. Licenciada em Direito, frequentou a Universidade de Coimbra (UC) entre 58 e 63. Membro do Conselho Feminino da Associação Académica de Coimbra (AAC) em 60-61. Secretária de redacção da revista *Via Latina* em 61-62. Dirigente do CITAC (Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra) em 62-63. Dirigente da cooperativa livreira UNITAS. Directora-adjunta do Centro de Estudos Judiciários, entre 98 e 2001.

**Fernando Martinho** — Nasceu em Angola, em 1942. Licenciado em Medicina, frequentou a UC entre 61 e 68. Fundador da República estudantil "Kimbo dos Sobas". Preso duas vezes, a primeira em 62, por ligações ao MPLA. Fundador da Biblioteca e da Secção de Saúde da AAC. Membro da Comissão de Gestão da sua Faculdade, após o 25 de Abril. Militante do PCP, desde depois da queda da ditadura. Director de Serviço dos Hospitais da Universidade de Coimbra. Deputado municipal pela CDU, em Coimbra.

**Carlos Baptista** — Nasceu em Moçambique, em 1942. Membro da Pró-Associação do Secundário de Coimbra em 61-62. Frequentou a UC entre 64 e 69. Presidente do TEUC (Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra) entre 65 e 67. Militante do PCP desde 65. Membro do Conselho Fiscal da AAC em 68-69. Integrou a lista da CDE em Coimbra, em 69. Expulso de todas as universidades portuguesas. Tem exercido grande parte da sua vida profissional em Moçambique, onde colaborou com Samora Machel.

**Pio de Abreu** — Nasceu em Santarém, em 1944. Licenciado em Medicina, frequentou a UC entre 62 e 69. "Repúblico" nos "Galifões" e no "Palácio da Loucura". Dirigente da Tuna Académica em 67. Detido em 69. Integrado compulsivamente na

tropa. Redactor da revista *Vértice*, após o regresso da Guiné. Militante do MES (Movimento de Esquerda Socialista), desde 74 até quase à sua extinção. Militante do PS após a chegada de Jorge Sampaio à liderança. Apoiante de Manuel Alegre.

**Fátima Saralva** — Nasceu em Castanheira de Pera, em 1947. Licenciada em Geografia, frequentou a UC entre 64 e 70. Fundadora do GEFAC (Grupo de Etongrafia e Folclore da Academia de Coimbra). Dirigente do Cineclub e redactora da *Vértice*. Após o 25 de Abril, militou no MES, no GIS (Grupo de Intervenção Socialista), na UEDS (União de Esquerda para a Democracia Socialista) e no PCP. Abandonou este último em 89.

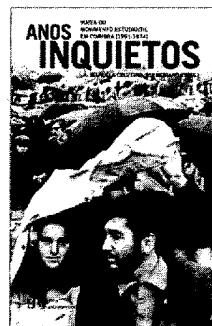
**José Cavalheiro** — Nasceu no Porto, em 1947. Frequentou a UC entre 68 e 69, integrando a Comissão Técnica da AAC. Preso, pela primeira vez, em Julho de 69. Integrado compulsivamente na tropa, onde é sujeito a prisão disciplinar. Assume-se como *compagnon de route* do PCP, entre 72 e a criação da Renovação Comunista. Em 74, licenciou-se em Engenharia, no Porto. Candidato independente pela CDU por duas vezes. Membro da Comissão Científica que decidiu pela co-incineração em Souselas e na Arrábida.

**Luis Januário** — Nasceu em Coimbra, em 1950. Licenciado em Medicina, frequentou a UC entre 68 e 74. Preso duas vezes, a primeira entre Junho e Agosto de 69. Membro de duas direcções da AAC antes do 25 de Abril e da primeira eleita após a queda da ditadura. Militante do PCP entre finais de 69 e 82. Candidato pela CDE em Coimbra, em 73, e pelo Bloco de Esquerda, como independente, nas legislativas de 2005. Director do Hospital Pediátrico de Coimbra, entre 2000 e 2003. Autor do blogue A Natureza do Mal. ■

## OS AUTORES

Os autores de *Anos Inquietos* são investigadores do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (UC), dirigido por Boaventura de Sousa Santos. Mas Maria Manuela Cruzeiro, que também é coordenadora do Centro de Documentação 25 de Abril da UC, e Rui Bebião, que concilia a actividade de investigador com a de professor de História Contemporânea na Faculdade de Letras da UC, têm percursos distintos. Manuela Cruzeiro, natural de Cajadães, distrito de Viseu, é mais velha: tem 58 anos. Chega a Coimbra em 1965, inscrevendo-se em Letras e instalando-se numa das três "Repúblicas" femininas: as "Araras". Um ano depois, torna-se membro do Teatro dos Estudantes da UC, cuja vice-presidência ocupará em 1969-70, antes de partir para Itália para preparar a tese de licenciatura.

No auge da crise integra a comissão pedagógica da faculdade e tem como "grande referência" o irmão Celso, um dos principais líderes estudantis da época. Rui Bebião, nascido em Castanheira de Pera, tem 53 anos. Aporta a Coimbra em 69, ainda estudante do secundário. No ano seguinte integra o grupo que reformula a revista *Capa e Batina*. Grupo que demora pouco a cindir-se entre maoístas e trotskistas. Rui, que entretanto se inscreve na Faculdade de Direito — onde não chega a fazer qualquer cadeira — fica com os primeiros. Os mesmos que, em 1971, estão a lançar os Núcleos Sindicais de Base, conotados com a futura UCMLP (Organização Comunista Marxista-Leninista Portuguesa). Em 1972, na sequência de duas manifestações contra a guerra colonial, é preso pela PSP várias vezes, sendo, numa delas, interrogado pela PIDE. O mesmo volta a acontecer quando, um ano depois, é incorporado compulsivamente na tropa. Deserta na véspera de embarcar para Angola, trabalhando quatro meses



no Norte, como tralha da construção civil. Amnistiado após o 25 de Abril de 74, parte, nesse mesmo ano, para o país de Agostinho Neto. Quando regressa, nos finais de 75, está a acabar-se formar o PCP(R) — Partido Comunista Português (Reconstruído), onde se integra. Sai um ano depois. Nessa altura, já Manuela Cruzeiro voltara de Itália há muito. Lecciona na Universidade de Coimbra e milita discretamente no PCP, onde se inscrevera após o derrube da ditadura. Abandonar o partido e a revista *Vértice*, no princípio dos anos 90. Hoje, mãe de três filhos e avó de um neto, a autora de entrevistas biográficas com personagens como Vasco Gonçalves, Costa Gomes, Melo Antunes e Eugénia Varela Gomes define-se como "independente de esquerda" e afirma-se "mais virada para o estudo do fenómeno político do que para a militância". Bebião, que após a saída do PCP(R) voltou a estudar, agora na Faculdade de Letras, também confere prioridade à investigação sobre temas contemporâneos. E ao ensino da História, a que se dedica desde 81. Igualmente com tradução na publicação de vários livros, entre eles *O poder da imaginação*, sobre os movimentos juvenis. Mas não rejeita uma intervenção política pontual, como a que teve quando, nas penúltimas autárquicas, se candidatou pelo BE em Coimbra. Muito menos uma intensa actividade no ciberespaço, que começou em 96, com a edição da revista electrónica *Non!* Nada que o impeça de se classificar como simples "*compagnon de route* da esquerda não-ortodoxa".



A partir de 69, a presença das mulheres no movimento associativo cresce muito